

## Conclusões do Seminário O Sistema Lagunar Costeiro da Lagoa de Óbidos (4 e 5 de Outubro de 2004)

Maria João Carvalho\*



Decorreu em Caldas da Rainha, nos passados dias 4 e 5 de Outubro, sobre "O Sistema Lagunar Costeiro da Lagoa de Óbidos", organizado pela NOSTRUM – Associação de Defesa do Património Ambiental. Trata-se de uma associação sem fins lucrativos, com sede em Caldas da Rainha e cuja zona de influência se estende a 5 concelhos entre a Baía de S. Martinho do Porto e o Cabo Carvoeiro – Alcobaça, Caldas da Rainha, Óbidos, Bombarral e Peniche.

Tendo como principal objectivo a congregação de conhecimentos sobre a Lagoa de Óbidos e a sua divulgação, não só à população académica ligada a este tema, mas também à população local e aos stake holders, decidiu a NOSTRUM organizar um seminário cujo tema central foi a Lagoa de Óbidos enquanto sistema lagunar costeiro e área de grande sensibilidade ambiental, mas também enquanto agente aglutinador de diversas actividades económicas, que vão desde a pesca e apanha de marisco, até ao turismo, passando pela simples ocupação urbana. Nesse sentido foram convidados oradores de diversas áreas de intervenção, desde os cientistas puros, das áreas da geologia, biologia e gestão ambiental, até representantes das actividades da pesca e apanha de marisco na lagoa,

---

\* [mjssfcarvalho@sapo.pt](mailto:mjssfcarvalho@sapo.pt).

passando por oradores com propostas muito concretas no âmbito do ecoturismo e turismo sustentável e da ocupação de certos espaços na envolvente da lagoa.



Abriram a sessão o Eng<sup>o</sup> João Batista, Presidente da NOSTRUM e o Dr. Fernando Costa, Presidente da Câmara Municipal de Caldas da Rainha. Estava prevista uma abertura conjunta com o Dr. Telmo Faria, Presidente do Município vizinho de Óbidos, mas este não compareceu. Na sessão de abertura, foi apresentado pelo Dr. Fernando Costa, um projecto da autoria do Arquitecto Remédios e que este apresentou e desenvolveu posteriormente durante a tarde, encomendado pela Câmara de Caldas da Rainha e no qual se prevê a participação da NOSTRUM como entidade de consultoria para a Gestão Ambiental, no qual está prevista a criação de um ECOPARQUE e de um ECOMUSEU; este terá funções de preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica como a Lagoa de Óbidos e de interpretação dos mesmos, com actividades de investigação, formação, interface com os diversos graus de ensino, exposição e museologia e fiscalização. Quanto ao ECOPARQUE, este será a unidade propulsora de uma rede de parques incluindo corredores ecológicos, que terão necessariamente de ser criados com base em estudos de caracterização prévia, que permitam definir com um grau de confiança aceitável, as vocações naturais de cada uma das áreas.





Na abertura dos trabalhos científicos esteve o Dr. João Serra, conhecido historiador caldense e docente na ESAD, que enfatizou por um lado o registo histórico das sucessivas operações de abertura ao mar devido ao facto de as correntes marinhas terem desde sempre tendido a fechá-la e, por outro, a importância económica que esta lagoa sempre teve para as populações em seu redor, dada a riqueza faunística e florística que a caracterizava e, que era aproveitada na pesca, caça, apanha de mariscos e algas, agricultura, etc. Mais recentemente, no último terço do século XIX, surge o interesse turístico da praia associada às termas e as grandes e emblemáticas construções da autoria de Almeida Araújo e Almeida Grandela, como o Facho e o Inatel, tendo Grandela chegado a pensar em transformar a Lagoa de Óbidos numa nova Veneza. Pensa-se também que, dado o facto de até muito recentemente, a Lagoa ter uma abrangência muito maior e ser navegável numa grande extensão, assim como uma parte dos rios que a ela afluem, possam existir em toda a antiga área de alagamento, registos arqueológicos de naufrágios e sua pilhagem.



Seguidamente, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Conceição Freitas, geóloga e docente no Departamento de Geologia da FCUL, enfatizou a semelhança que existe entre este sistema lagunar e o de Santo André, por ela estudado ao longo dos últimos anos, sublinhando que estes sistemas são normalmente litorais de acumulação, com tendência natural para assorear e desaparecer. Sabendo que o nível médio das águas do mar sobe desde á 18000 anos e que o registo acumulado nos sedimentos tem cerca de 14000 anos, é possível fazer um esquema metodológico de abordagem espacial e temporal conjunta de micro, meso e macro escala a estes sistemas, que permite, acompanhada da observação da dinâmica e



características do presente, estabelecer modelos evolutivos do passado, funcionais do presente e previsionais para o futuro, ou seja, usar os dados passados e presentes para prever o futuro; com isto é possível propor planos de monitorização tanto para estabelecimento de condições médias e enquadrantes do sistema, como para estabelecimento de planos de definição e controlo de projectos de intervenção, seu reajuste, avaliação da qualidade dos dados e direcção das acções. É de realçar que do ponto de vista espacial, se torna inevitável o estudo e a gestão integrados não só do espelho de água, ou seja da depressão lagunar, como também da bacia hidrográfica drenante e do troço litoral adjacente para a compreensão cabal dos processos que aí operam e extravasam, em larga escala, o espaço físico ocupado pela depressão costeira. Foi ainda referido pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Conceição Freitas, que embora a tendência natural da Lagoa de Óbidos seja para fechar, a regressão evidenciada nos últimos anos é demasiado rápida para ser considerada puramente natural e a acção antrópica tem sido determinante no assoreamento que temos vindo a observar.

A minha participação enquanto aluna do Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais das Universidades de Évora, Aveiro, Açores e Nova de Lisboa, orientada também pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Conceição Freitas, limitou-se à apresentação de alguns dados de que já disponho sobre a Lagoa de Óbidos e onde se verifica que, pela análise de ciclos de maré, este sistema se encontra de momento sujeito a um regime de enchente em que a quantidade de sedimento colocada dentro da laguna pela enchente é superior à que sai na vazante, visto que as vazantes são prolongadas e com correntes lentas de fraca capacidade de transporte. Estes dados estão condizentes com a bibliografia, que preconiza que nestes sistemas, para melhorar a capacidade de transporte da vazante, pode recorrer-se ou ao aprofundamento geral dos fundos lagunares e/ou à diminuição da área das zonas aplanadas entre-marés por aprofundamento das mesmas. Foram também apresentadas as localizações dos pontos de recolha da campanha de amostragem de sedimentos e água para avaliação do conteúdo em metais, tendo apenas para já, sido verificados os pH's das amostras, que apontam para uma maior acumulação de poluentes responsáveis por pH elevado, no Braço da Barrosa. Estes dados foram confirmados in situ, pela libertação de uma bolsa de metano no acto da recolha. Foi por mim enfatizado que qualquer solução que se encontre, e principalmente as soluções que levam a dragagens, devem ser muito bem planeadas e assentes em estudos de caracterização de habitats e espécies, em particular limícolas, visto que por um lado se corre o risco de contaminação de todo o corpo lagunar pela ressuspensão de sedimentos com elevadas cargas poluentes e, por outro, de destruição de habitats importantíssimos com o aprofundamento do leito em certos locais, visto que a laguna por definição funciona como suporte de inúmeras aves limícolas e como berçário de inúmeras espécies aquáticas e anfíbias. Está previsto no âmbito da minha tese, iniciar alguma avaliação da qualidade das águas afluentes à Lagoa, através da utilização de biomonitorios.

Seguidamente falou o Dr. Pedro Costa, geólogo a executar Doutoramento sobre os efeitos de tsunamis e tempestades em ambientes lagunares, pelas Universidades de Coimbra, St. Andrews e Brunel em Inglaterra. Com

base em diversas técnicas foi-lhe possível identificar um evento singular de grande dimensão e alta energia na Lagoa de Óbidos, que define uma invasão marinha abrupta, semelhante ao de Martinhal onde se evidencia o tsunami do sismo de 1755. Os sistemas de datação usados não foram conclusivos pelo que não é possível afirmar que o evento detectado em Óbidos se deveu ao sismo de 1755. Este tipo de estudos tem importância fundamental na utilização que deles pode ser feita pelos organismos de protecção civil, principalmente se pensarmos que o período de retorno do sismo de 1755 está avaliado em cerca de 255 anos, com base em registos históricos e na intensidade do mesmo, e que este causou danos graves nas igrejas de S. Tiago e S. Pedro, no Edifício da Câmara Municipal de Óbidos e na Muralha do Castelo. Outro dado a considerar é que as tão faladas alterações climáticas, poderão vir a determinar tempestades pouco usuais, em relação às quais não conhecemos os efeitos na nossa costa, sendo estes previsíveis através deste tipo de estudos.

A tarde iniciou-se com uma apresentação feita pelo Prof. Dr. Carlos Sousa Reis, biólogo e docente do Departamento de Biologia da FCUL, também coordenador do programa Finisterra, para a gestão dos ambientes costeiros e, da Task Force para a Gestão da Lagoa de Óbidos, que pretende coordenar os esforços que estão a ser desenvolvidos por diversas instituições como o ICN, LNEC, INAG, IPIMAR, IST, Câmaras Municipais, Associações Ambientalistas, etc., no sentido de encontrar soluções para a gestão deste sistema lagunar de grande complexidade. A sua intervenção centrou-se na gestão dos recursos haliêuticos da lagoa, sublinhando a enorme riqueza que estes sistemas representam, nomeadamente quanto à abundância e diversidade de recursos marinhos no litoral adjacente, onde são referenciadas zonas de pesca muito ricas e diversificadas. Centrando a abordagem nos núcleos piscatórios da Foz do Arelho, Nadadouro, Vau e Bom Sucesso, evidenciam-se recursos ictiológicos e de moluscos e crustáceos, com especial importância dos bivalves, acompanhados infelizmente de restrições à pesca demasiado confinantes. Foram preconizados pelo Prof. Dr. Carlos Sousa Reis outros modelos de exploração para este espaço, como por exemplo a cultura controlada de mexilhão em estaca, ou ostras em cestos suspensos, o incremento da anguicultura (cultura de enguias) ou ainda, a cultura de tainhas para butarga – ovas de tainha vendidas a cerca de 250 Euros o kilograma no estrangeiro. O Prof. enfatizou a necessidade absoluta de executar um correcto controlo de bivalves e de criar associações de produtores suficientemente fortes para ultrapassar o espartilho legislativo. Estando prevista a Gestão Integrada das Zonas Costeiras Portuguesas até 2006, foi ainda focada pelo Prof. Dr. Carlos Sousa Reis, a necessidade absoluta de execução dos Planos de Uso do mar, ainda por fazer e, mais uma vez sublinhado que todos os utilizadores são importantes e que deve ser usado um modelo de gestão abrangente e integrado. Como nota final é de registar a evidencia de que a Lagoa de Óbidos há muito requer um modelo de gestão integrado, associado se possível à classificação desta importantíssima unidade ecológica, contemplando a exploração racional dos seus recursos haliêuticos através de um processo de cogestão, tal como é preconizado na nova Política Comum de Pescas da UE e nas políticas de Desenvolvimento Regional; porém, deverá sempre tido em consideração que não existem problemas nem soluções para a Lagoa de

Óbidos de forma isolada, donde a intervenção/participação de todos os parceiros é indispensável.



A apresentação do Dr. Fábio Pereira aluno do Mestrado em Ciências das Zonas Costeiras na Universidade de Aveiro, centrou-se num estudo comparativo entre as comunidades macro-bentónicas (seres que vivem nos fundos) descritas em 1985 pelo seu ex-professor, Prof. Dr. Vítor Quintino, no âmbito da sua tese de doutoramento e, o que existe agora na lagoa de Óbidos, com o intuito de avaliar as alterações entretanto produzidas. Com base nisso será possível estabelecer algumas conclusões que nos levem a evidenciar as causas e conseqüências das alterações verificadas. Foram identificadas mais de 200 espécies macrobentónicas, características das lagoas atlânticas e mediterrâneas. A riqueza em espécies foi superior nos locais mais abrigados, junto à entrada da lagoa, onde a influência marinha é mais importante, mas também na parte central da lagoa, onde se desenvolve uma comunidade caracteristicamente lagunar. Por sua vez, a abundância e a biomassa mostraram valores superiores junto das margens vasosas do corpo lagunar. O Braço da barrota identifica-se mais uma vez como a zona mais problemática com grande empobrecimento das comunidades tipicamente lagunares e sedimentos vasosos negros e cheios de metano, muito ricos em compostos orgânicos. O empobrecimento no Braço do Bom Sucesso era mais notório em 1985, por comparação com o que se verifica na Barrosa. Das 20 espécies mais abundantes 11 são comuns a 1985 e predominam os detritívoros, que se alimentam da matéria orgânica em decomposição. Surgem menos espécies de artrópodes e desapareceu a *Zoostera marina*. As 24 espécies mais abundantes (cerca de 10% do

total) atingem mais de 88% da abundância total. Por outro lado, mais de 55% das espécies amostradas não ultrapassaram os 5 indivíduos. Isto permite dizer que possivelmente, algumas espécies mais resistentes ocupam a maior parte do sistema, enquanto outras mais sensíveis tendem a desaparecer. Para isso seria necessário e efectuar uma avaliação com biomonitores.

Tendo existido um problema eléctrico que depois se veio a verificar dever-se a um curto-circuito num equipamento do local onde se fez este seminário, quase não foi possível ouvir o que tinha para nos dizer e mostrar, o Paulo Lemos, sócio da NOSTRUM e estudante de Licenciatura em Biologia, que tinha, além da apresentação oral, um filme da campo intitulado "Lagoa de Óbidos: um breve olhar sobre um espaço vivo", revelador da riqueza e diversidade da lagoa, do qual, infelizmente só pudemos ver breves instantes, entre falhas eléctricas. No entanto e dado que este fez um resumo da sua comunicação é possível apresentar aqui, um resumo do mesmo. É colocada a tónica na fragilidade do sistema lagunar de Óbidos e no facto de este sistema, antigamente excepcionalmente rico, ter agora muito pouco de original devido à intervenção humana, assim como na dificuldade acrescida que representa a gestão deste sistema, dada e sua decrescente capacidade de auto-regeneração. Embora se tenha verificado algum abandono das margens que permitiu a recolonização por algumas espécies vegetais nativas, há muito património que já só se constata por testemunho ou documentação. Algumas espécies apresentam-se como indicadores acerca da forma como a pressão humana tem lentamente exercido o seu impacto, nomeadamente o Lanius senador e o Oriolus oriolus, duas aves estivais que pululavam na lagoa há cerca de 15 anos, assim como numerosas invernais. A "metade" terrestre da lagoa é, no entender de Paulo Lemos, um ecossistema complexo sobre o qual a acção se impõe, muito mais longe do que se julga, no que diz respeito à manutenção da biodiversidade. Acentua-se a tónica de que protegendo a Lagoa de Óbidos protegemos indirectamente outros espaços distantes, a natureza é naturalmente subtil e assim deve ser encarada, existindo ainda muito valores por descobrir na Lagoa de Óbidos, sendo que existem espécies com ou sem estatuto de conservação elevada, mas que merecem um cuidado especial na lagoa para além da protecção dos biótopos. Finalmente é dada uma lista de ameaças à biodiversidade na lagoa, que vão desde as descargas poluentes que afectam aves mais jovens e propiciam o desenvolvimento de ratazanas, à eucaliptização, aos trabalhos de terraplanagem, drenagem, etc. infundados ou imponderados, à agricultura agressiva e desordenada, aos animais domésticos que desequilibram a avifauna reprodutora, a certos tipos de pesca, à caça desenfreada, a espécies invasores e infestantes, ao aeródromo, às estradas anexas à lagoa e finalmente ao turismo mascarado de ecoturismo que pode levar a inúmeros problemas de excesso de contacto humano com algumas espécies, entre os quais o de as tornar mais vulneráveis à caça, por exemplo. Por último Paulo Lemos fala-nos da antiga e sempre grande afluência em torno da lagoa, de situações que envolvem animais selvagens em situação precária, sem que ninguém tenha demonstrado interesse, sensibilidade ou conhecimentos para pelo menos "remendar" a situação. As soluções agravam-se no caso de



espécies erradamente consideradas como impossíveis de manter ou no de situações de libertações em períodos e locais desapropriados para as espécies e ecossistemas em causa, com vista a fins mais mediáticos e menos de real conservação, alegando a necessidade de aproveitar todas as oportunidades para sensibilizar e descurando a necessidade de criar oportunidades mais sustentadas e educativas.

A Arquitecta Paisagista Ana Isabel Correia, Técnica Superior do PNSAC e responsável pela implementação do Turismo de Natureza, fez uma apresentação geral sobre o conceito e aplicação do Turismo Sustentável e do Turismo de Natureza, e seus enquadramentos legais, sendo que o primeiro visa os objectivos gerais da sustentabilidade, com a utilização dos recursos sem pôr em causa a sua utilização pelas gerações vindouras e, o segundo é específico das áreas protegidas e está previsto num Programa Nacional, que prevê a existência de Guias de Turismo de Natureza, de Códigos de Conduta e Guias da Natureza, assim como de instrumentos de planeamento, ordenamento e gestão, tais como o Enquadramento Estratégico, o Plano de Acção, a Carta de Desporto de Natureza, o Plano de Ordenamento e o Licenciamento de Actividades.



Por último e a terminar o seminário, interveio o Sr. Augusto Fernandes, representante da APMALO – Associação de Mariscadores e Pescadores Amigos de Lagoa de Óbidos, com uma apresentação que sublinhou por um lado a necessidade de desassorear com urgência ou deixarão de existir artes tradicionais na Lagoa de Óbidos, visto que sem profundidade não há peixe e, desde a década de 50 que a lagoa tem vindo a desaparecer estando as zonas da Barrosa, Ferraria, Bom Sucesso e Ponta do Corvo, totalmente assoreadas; por outro focaram-se as exigências

legais desajustadas, como por exemplo a proibição de utilização de fato de mergulho na apanha de marisco, quando este serve apenas para protecção dos mariscadores e não para mergulho. Foram ainda apontadas a poluição provocada pelas descargas a montante sendo algumas, em concelhos mais afastados mas pertencentes à bacia de drenagem e, o facto de o dique de encaminhamento de marés ser manifestamente insuficiente e até parecer ter piorado a situação. Foram propostas algumas soluções como a execução de diques de retenção de areias a montante nos rios afluentes, a construção de outro dique de encaminhamento mais a Sul e, a manutenção prioritária dos acessos para pescadores à lagoa com automóvel. Por fim foi referido que em tempos idos, quando se deixava a lagoa abrir e fechar a ligação ao mar de forma mais natural, se conseguia uma depuração anual com regime de vazante visto que a aberta tapava em Agosto e destapava em Dezembro com as cheias, bastando tirar umas quantas pás na zona central, para que o enorme volume de água acumulado no interior da lagoa abrisse passagem e, fosse criada uma corrente suficientemente forte para arrastar materiais provenientes das zonas mais longínquas da lagoa. Nesta sequência a lagoa derivava para Sul quando a deriva litoral era nesse sentido, mas não se mudava durante algum tempo, nas alturas em que a deriva era para Norte; no entanto, e visto que este processo era anual e até acompanhado de festa, todos os anos se garantia a manutenção da aberta perto da zona central da barra e a depuração da lagoa. Quem sabe não ficam aqui umas dicas para uma gestão mais próxima das regras da natureza...



Em jeito de conclusões muito sumárias a retirar deste seminário, podemos dizer que são essenciais estudos de caracterização sedimentar e de

avaliação/localização de espécies e habitats a preservar, que estes estudos deverão nortear toda e qualquer tomada de decisão no sentido de dragar, o que dragar e onde dragar, ou qualquer outra intervenção na lagoa e sua envolvente, com vista à garantia de que são preservadas as espécies e habitats que fazem deste sistema um sistema a preservar, sob pena de já não ter o que preservar, quando se chegar ao final das intervenções de preservação. Devem ser privilegiadas as soluções menos impactantes e garantida uma gestão integrada não só do espelho de água, como também de toda a bacia de drenagem e litoral adjacente, que inclua todos as partes interessadas e permita uma evolução deste espaço, no sentido de garantir a subsistência dos que dele dependem, sem que fique comprometida a subsistência dos seus filhos, netos ou bisnetos, ou seja, criar uma nova Lagoa de Óbidos, despoluída, com equilíbrio entre cargas transportadas na enchente e na vazante, cuja abertura esteja suficientemente controlada para não pôr em perigo os direitos adquiridos, mas garantindo que novas construções e actividades não são executadas e implementadas, em locais totalmente desapropriados, permitindo algumas actividades económicas em seu redor devidamente regulamentadas e verificadas e definindo espaços inteiramente reservados à conservação da natureza e manutenção dos habitats e espécies que sempre caracterizaram o sistema e permitem que este se mantenha saudável.

Por fim a NOSTRUM quer agradecer a todos os oradores a disponibilidade que demonstraram para estarem presentes neste evento, assim como aos patrocinadores que são: Câmara Municipal de Caldas da Rainha, Juntas de Freguesia de Sto. Nossa Senhora do Populo, Nadadouro e Foz do Arelho, INATEL da Foz do Arelho, Gigashop, Café Populus, FlorÓbidos e Ókeágua – Piscinas Eco-Sustentáveis. Sem a boa vontade de uns e outros ter-nos-ia sido totalmente impossível a organização deste evento. Queremos também agradecer à comunicação social que nos ajudou na divulgação, nomeadamente Jornal das Caldas, Gazeta das Caldas, Rádio Caldas e Portal Naturlink, entre outros.

<http://www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=13825&iLingua=1>